

Os sintagmas da **veja** e o sertão

DI GLAUBER

por Pedro Plaza Pinto

EU SOU EU OU A LARANJA DA TERRA?

Glauber Rocha

(Fogo na Kultura. *Encontros com a civilização brasileira*, Rio de Janeiro, n. 15, set. 1979.)

A proposta inicial é analisar os sintagmas da reportagem publicada na seção de Economia e Negócios da revista *Veja*, edição 1 704, de 13 de junho de 2001. O título da reportagem, já por si bastante interessante – *Trator e irrigação na terra do Sol* –, é uma paráfrase que remete à “imagem cinematográfica” de uma paisagem do cinema brasileiro. O subtítulo da reportagem esclarece melhor o horizonte do sintagma que dá o tom ideológico: “Tecnologia muda vida em regiões que antes lembravam filmes de Glauber Rocha”.

O nosso objetivo é demonstrar como a ideologia se estabelece no texto, articulando os vários elementos portadores de sentido, principalmente os articulando com a imagem ausente: o sertão proposto como um imaginário da filmografia de Glauber Rocha. A reportagem, aparentemente sem nenhum interesse para o campo das artes/entretenimento, disposta na seção Economia e Negócios, apresenta uma ideologia de duplo sentido. É, ao mesmo tempo, a desvalorização de uma imagem peculiar do cinema brasileiro e o suporte de uma concepção “modernizante” própria do neo-liberalismo. Por fim, procuraremos empregar em melhores termos a “imagem” de sertão de Glauber Rocha, recolo-

cando a discussão num outro viés, da atualidade que esta “imagem” pode ter no presente, como lugar de memória.

Este artigo segue, francamente, o veio já aberto de uma crítica aos caminhos do periodismo contemporâneo, propondo uma abordagem de viés relacional: cinema/jornalismo; informação/deformação; ideologia/naturalização. A referência é o artigo *A forma narrativa da autoridade no jornalismo*, onde Alfredo Manevy, na *Sinopse* nº 5, bem apresentou as questões de uma narratividade presente na reportagem sobre o MST (*Veja* de 3 de maio de 2000).

Articulando imagem-texto-números

A questão apresentada não tem o objetivo de colocar em dúvida o sucesso do modelo de manejo agro-industrial que é reportado. O propósito é examinar como as fotografias, os textos, os números e as expressões ligam-se para estabelecer uma “contra-imagem” do sertão.

A reportagem apresenta um presumida “revolução tecnológica” no campo, colocando em números o desenvolvimento da agricultura em vários lugares do país. A ênfase é dada para as cidades supostamente do sertão, traduzidas como cidades do Nordeste brasileiro: Barreiras e Petrolina. No título a palavra “sol” é destacada, cinco vezes maior que as outras palavras, de cor amarelo-alaranjada, sobreposta à imensa foto da fábrica da Ceval em Barreiras. A palavra “revolução” é repetida



duas vezes no texto, associada ora à irrigação, ora à tecnologia. A passagem sertão/mar, a fórmula básica de Canudos, é emblematicamente transformada em ordem tecnológica. A tecnologia promove a revolução cujo objetivo último é a própria tecnologia.

Mas do que se trata? Logo no primeiro parágrafo observamos:

“A receita? Correção do solo [...], utilização de sementes adaptadas ao cerrado e uma técnica chamada de ‘plantio direto’, que consiste em proteger a terra com palha e, assim, preservar a pouca umidade existente”.

Esse é o único momento na reportagem que apresenta o que é a “tecnologia”. E essas técnicas, melhor dizendo, são associadas a fábricas (da Ceval) e a uma saraivada de números do sucesso. O avatar definitivo do sertão é confirmado pela autoridade científica, por um economista (!) do Ipea: “Ele próprio é autor de um estudo que demonstra como é compensador o investimento em tecnologia agrícola”.

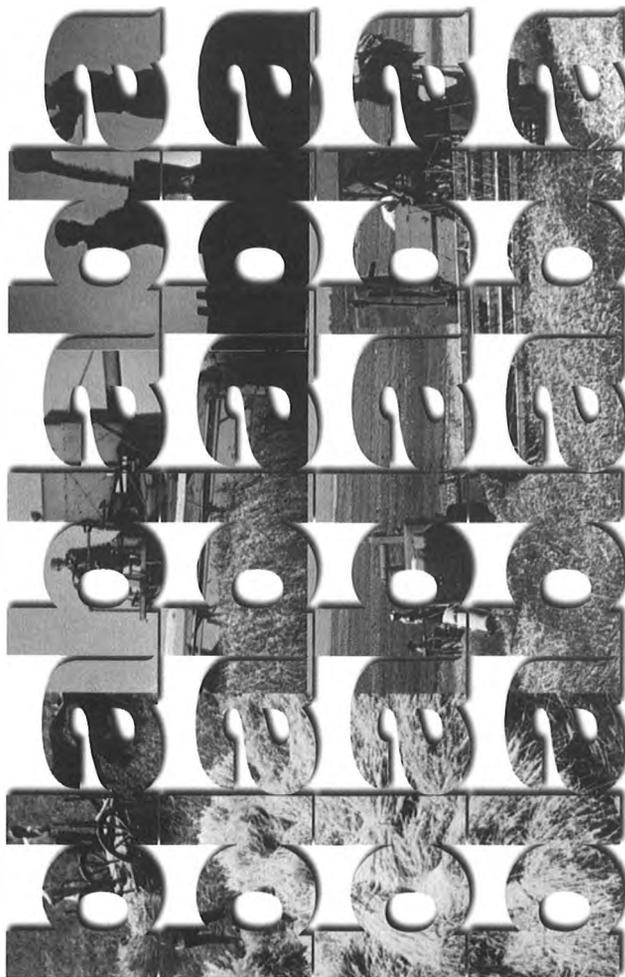
A imagem ausente do sertão glauberiano é tematizada nas palavras de um entrevistado, na qual se explicita um certo marco temporal da mudança: “Magno conhece a cidade há mais de vinte anos e se impressiona com a mudança. ‘Parecia filme de Glauber Rocha e agora tem clube, supermercado, tudo’”. A frase é destacada como sendo do agrônomo da Embrapa Cerrados, Carlos Magno, que estuda técnicas de ocupação agrícola do cerrado (!) brasileiro. O Sertão de Glauber é qualquer coisa geográfica entre o Espírito Santo, Pernambuco e Goiás...

O sertão: agonia ou alegoria?

O sintagma da reportagem desvaloriza e apaga a dialética proposta na idéia de *Deus e o Diabo*, transformando no unívoco *Traitor e irrigação*. Mas é a própria fabulação do

filme que nos fornece a resposta. O sertão de Glauber é o *locus* que caracteriza e sintetiza a totalidade do viver sertanejo, retrabalhado como integrante de um processo histórico, projeção alegórica que evidencia o relato poético inspirado na literatura de cordel. O sertão é o dado das condições pré-modernas da vida brasileira. O mar é a aspiração, simetricamente, metáfora da transformação que *Deus e o Diabo na terra do sol* narra. A idéia de processo imbricada no relato recupera a reivindicação de justiça na história do sertão, e projetivamente, na história do Brasil, pois o “sertão é o mundo”. Como nos diz Ismail Xavier: “Nesse ‘tornar sensível’, o sertão se organiza como cosmos: é o seu próprio movimento que deve abrigar as forças essenciais que engendram o futuro” (*Sertão Mar*: Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 112.).

Ao incorporar o sintagma do sertão de Glauber numa paráfrase de título, desvalorizando a “era pré-tecnológica”, a reportagem nos sinaliza o seu horizonte ideológico que o próprio filme nos ajuda a desvendar. O verdadeiro sertão de Glauber permanece, pois a lição do cantador não foi cumprida, da transformação do mundo de trabalho “maldivido”. O gesto projetivo de Manuel, personagem central de *Deus e o Diabo*, deve ser atualizado quando nos deparamos com o jornalismo que busca naturalizar as aplicações



tecnológicas de alguns poucos. O caminho continua sendo um gesto pleno de possibilidades e os exames do cangaço e do messianismo que Glauber propôs podem ser prolongados, atualmente, para um exame da ideologia dos usos e abusos da (bio)tecnologia.

Restanos caminhar, sempre de olho nos sistemas de representação que apoiam a ideologia dominante. Ou então acreditar que Manuel é hoje um trabalhador da fábrica da Ceval em Barreiras.